

## Educação em Língua Inglesa e decolonialidade: reflexões e práticas no contexto universitário

**Dayanny Marins Coelho<sup>1</sup>**

Universidade Federal de Goiás

<https://orcid.org/0009-0006-4857-3053>

[dayanny.pnn@discente.ufg.br](mailto:dayanny.pnn@discente.ufg.br)

**Samara Leandro de Oliveira<sup>2</sup>**

Universidade Federal de Goiás

<https://orcid.org/0000-0002-5615-9569>

[samaraoliveira@discente.ufg.br](mailto:samaraoliveira@discente.ufg.br)

**RESUMO:** O ensino de Língua Inglesa em cursos de Letras frequentemente reproduz uma visão hegemônica que pode reforçar a dominação cultural anglófona. No contexto universitário, especialmente no 6º período de um curso de Letras de uma universidade estadual no interior de Goiás, surge a necessidade de reavaliar e transformar tais práticas pedagógicas à luz dos princípios de decolonialidade. Este artigo explora as reflexões e práticas relacionadas à decolonização da educação em Língua Inglesa, destacando como essas abordagens podem ser implementadas no currículo universitário para promover uma educação mais inclusiva e equitativa. Através de uma análise crítica das práticas educativas vigentes e das experiências de docentes e discentes, o estudo investiga como a perspectiva decolonial pode influenciar o ensino de línguas, abordando aspectos como a diversidade cultural, a revisão dos conteúdos curriculares e a adaptação de metodologias pedagógicas. O objetivo é evidenciar as possibilidades e desafios enfrentados na implementação dessas práticas, oferecendo *insights* sobre a construção de um ambiente acadêmico mais plural e reflexivo. Este artigo contribui para a discussão sobre a necessidade de uma abordagem crítica no ensino de Língua Inglesa, fornecendo recomendações para uma educação que valorize e respeite a diversidade cultural e linguística, e promovendo uma mudança significativa na formação de futuros educadores.

**Palavras-chave:** Educação em Língua Inglesa; Decolonialidade; Currículo universitário; Práticas pedagógicas.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

<sup>2</sup> Mestra em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás.

**Como citar este artigo:** COELHO, Dayanny Marins; OLIVEIRA, Samara Leandro de. Educação em Língua Inglesa e decolonialidade: reflexões e práticas no contexto universitário. **Revista Desempenho**, ano 25, volume 1, número 36, 2026 .

**ABSTRACT:** The teaching English in the Faculty of Arts Courses often reproduces a hegemonic vision that can reinforce anglophone cultural domination. In the university context, especially in the 6<sup>o</sup> period of a literature Course at a state university in the interior of Goiás, the need arises to reevaluate and transform these pedagogical practices in light of the principles of decoloniality. This article explores reflections and practices related to the decolonization of English language education, highlighting how these approaches can be implemented in the university curriculum to promote a more inclusive and equitable education. Through a critical analysis of current educational practices and the experiences of teachers and students, the study investigates how the decolonial perspective can influence language teaching, addressing aspects such as cultural diversity, the cultural diversity reviewing curricular content and adapting pedagogical methodologies. The objective is to highlight the possibilities and challenges faced in implementing these practices, offering insights into constructing a more plural and reflective academic environment. This article contributes to the discussion on the need for a critical approach to English language teaching, providing recommendations for an education that values and respects cultural and linguistic diversity, and promoting a significant change in the training of future educators.

**KEYWORDS:** English language education; Decoloniality; University curriculum; Pedagogical practices.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação em Língua Inglesa tem sido, historicamente, um campo marcado por uma hegemonia cultural que frequentemente reflete e perpetua as dinâmicas de poder colonial. No contexto universitário, especialmente, nos cursos de Letras, essa realidade não é uma exceção, evidenciando a necessidade de uma abordagem crítica e decolonial. A decodificação do ensino de línguas não se limita apenas a uma revisão dos métodos pedagógicos, mas envolve uma reavaliação profunda das narrativas culturais e dos pressupostos que sustentam a prática educacional.

A proposta decolonial da educação em Língua Inglesa visa, portanto, desconstruir as práticas e conteúdos que reafirmam a supremacia cultural anglófona e promover uma abordagem mais inclusiva e equitativa. No 6<sup>o</sup> período do curso de Letras, um momento crucial na formação dos futuros educadores, essa reflexão se torna ainda mais pertinente. A integração de perspectivas diversas e a valorização de diferentes contextos culturais e linguísticos são fundamentais para transformar o ensino em um espaço verdadeiramente plural e reflexivo.

A inspiração para este estudo advém de vivências pessoais e observações de injustiças sociais, raciais e culturais observadas pelas autoras deste artigo. A experiência de viver em

contextos colonizados ou marginalizados pode inspirar o desejo de entender e reverter essas dinâmicas.

O estudo busca embasamento em referenciais teóricos que contemplam o currículo e a educação linguística (PENNYCOOK, 2007; SUSSEKIND, 2014; MOITA LOPES, 2015; CADILHE, 2020) em consonância com o pensamento decolonial (QUIJANO, 2000; MIGNOLO, 2011; LANDER, 2015; WALSH, 2018, entre outros). Neste sentido, esta pesquisa busca contribuição e embasamento para discutir a questão do ensino da Língua Inglesa baseado nos sujeitos envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem e nas subjetividades que cada comunidade traz consigo.

Ademais, visa explorar as reflexões e práticas associadas à decolonização do ensino de Língua Inglesa, examinando como tais abordagens podem ser incorporadas no currículo e na prática pedagógica universitária. Ao analisar as experiências e desafios enfrentados por docentes e discentes, o objetivo é destacar as possibilidades e os impactos de uma educação que reconhece e valoriza a diversidade cultural, promovendo um aprendizado mais justo e consciente.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Este artigo está organizado em cinco seções. Na primeira, examinamos o papel da Língua Inglesa como uma língua franca. Na segunda, oferecemos uma reflexão sobre o currículo e as práticas pedagógicas associadas. Por sua vez na terceira, investigamos possibilidades para a integração de perspectivas interculturais e multilíngues. Na quarta, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados neste estudo. Por fim, na quinta, trazemos a reflexão dos alunos do curso de Letras sobre as questões decoloniais discutidas e as referências utilizadas.

### **2.1 Língua franca ou poder global?: uma análise crítica da Língua Inglesa**

A reflexão crítica sobre o papel do Inglês na educação revela a complexidade e as nuances de sua influência global e local. O Inglês, atualmente a língua franca internacional, tem uma presença dominante em muitos aspectos da vida acadêmica, profissional e cultural. No entanto, essa posição de proeminência não é neutra; ela está imersa em um contexto histórico de colonialismo e imperialismo.

Conforme observado por Moita Lopes (2015), o ensino do Inglês muitas vezes reproduz e reforça estruturas de poder e desigualdade global, refletindo a influência de práticas coloniais e a disseminação de valores anglófonos. Historicamente, a expansão do império britânico e,

posteriormente, o crescimento da influência dos Estados Unidos, contribuíram para a disseminação do Inglês ao redor do mundo. Esse processo frequentemente envolveu a imposição da língua e dos valores culturais anglófonos sobre outras línguas e culturas. Como destaca Pennycook (2007), o Inglês não é apenas uma ferramenta de comunicação global, mas também um símbolo de poder e dominação cultural, que pode marginalizar outras línguas e práticas culturais em favor de uma visão unificada e ocidentalizada.

No contexto educacional, essa hegemonia do Inglês pode levar à homogeneização cultural, onde as experiências e perspectivas locais são frequentemente marginalizadas em favor dos padrões e valores das culturas anglófonas. Isso pode resultar em uma visão de mundo limitada e na subvalorização das línguas e culturas nativas dos alunos. Portanto, ao refletir criticamente sobre o papel do Inglês, é essencial considerar como essa língua pode perpetuar desigualdades e como seu ensino pode ser ajustado para promover uma maior inclusão cultural. Em vez de promover uma visão unidimensional, o ensino do Inglês deve buscar reconhecer e integrar a diversidade cultural e linguística dos alunos, abordando questões de poder e representação (QUIJANO, 2000).

Além disso, é fundamental que o currículo e as práticas pedagógicas envolvam uma abordagem mais equitativa e inclusiva, valorizando diferentes variedades do Inglês e outras línguas. Isso não apenas enriquece a experiência educacional, mas também promove uma compreensão mais abrangente e crítica da posição do Inglês no mundo globalizado. Ao adotar práticas que desafiem a hegemonia cultural e promovam a diversidade, conforme mencionado anteriormente podemos contribuir para uma educação mais equitativa e transformadora.

Em resumo, a reflexão crítica sobre o papel do Inglês destaca a necessidade de uma abordagem mais consciente e inclusiva no ensino dessa língua, reconhecendo tanto seu impacto global quanto suas implicações locais. Ao adotar práticas que desafiem a hegemonia cultural e promovam a diversidade, podemos contribuir para uma educação mais equitativa e transformadora, alinhando-se às propostas supracitadas sobre a importância de uma pedagogia que reconheça e valorize a diversidade linguística e cultural (WALSH, 2018).

## **2.2 Currículo diversificado: descolonizando práticas pedagógicas**

A implementação de um currículo diversificado na educação é uma prática pedagógica essencial para promover uma aprendizagem mais inclusiva e representativa. Conforme argumentam Sussekind (2014) e Cadilhe (2020), um currículo diversificado vai além da simples adição de conteúdos variados; ele busca refletir e valorizar as múltiplas perspectivas culturais, históricas e sociais dos alunos, criando um ambiente educacional mais equitativo e

enriquecedor. A inclusão de diferentes perspectivas culturais e históricas no currículo não só enriquece o conhecimento dos alunos sobre o mundo, mas também promove uma maior compreensão e respeito pela diversidade. Um dos principais objetivos de um currículo diversificado é garantir que os materiais e recursos utilizados na sala de aula representem uma gama ampla de experiências e pontos de vista. Isso inclui a inclusão de textos, autores e conteúdos provenientes de diferentes culturas, etnias e contextos históricos.

Ao incorporar tais elementos, o currículo proporciona aos alunos uma visão mais abrangente e complexa da condição humana, alinhando-se com as ideias de Tagata (2017), que enfatiza a importância de integrar múltiplas vozes e experiências na educação para promover uma compreensão mais profunda e inclusiva. Além disso, um currículo diversificado deve considerar a relevância e a aplicabilidade dos conteúdos para os alunos. Isso significa que os temas e as abordagens pedagógicas devem estar conectados com as realidades e os interesses dos estudantes, permitindo uma aprendizagem mais significativa e envolvente. Por exemplo, ao ensinar literatura, incluir obras de autores de diferentes origens e experiências pode proporcionar uma visão mais rica e variada da condição humana. Outra prática importante é a adaptação dos métodos de ensino para atender às necessidades variadas dos alunos. Isso pode envolver a utilização de diferentes estratégias pedagógicas, como atividades colaborativas, projetos interativos e o uso de tecnologia, para acomodar diferentes estilos de aprendizagem e habilidades (MIGNOLO, 2011).

A personalização do ensino ajuda a garantir que todos os alunos possam acessar e se engajar com o conteúdo de maneira eficaz, o que é uma abordagem recomendada por Sussekind (2014) e Cadilhe (2020) que destacam a importância de metodologias que respondam à diversidade dos alunos. A avaliação também deve refletir a diversidade do currículo. Em vez de adotar uma abordagem única para avaliar o progresso dos alunos, é benéfico utilizar uma variedade de métodos de avaliação que permitam aos alunos demonstrar seu conhecimento e habilidades de diferentes maneiras. Isso pode incluir avaliações orais, projetos criativos e trabalhos em grupo, além de testes tradicionais. Essa variedade na avaliação é crucial para captar a diversidade de habilidades e conhecimentos dos alunos, conforme sugerido por Tagata (2017) que defende a utilização de métodos de avaliação mais inclusivos.

Por fim, a formação contínua dos educadores é crucial para a implementação de um currículo diversificado. Os professores devem estar preparados para reconhecer e desafiar seus próprios preconceitos e para adaptar suas práticas pedagógicas de acordo com as necessidades e contextos diversos dos alunos. A capacitação em questões de diversidade e inclusão pode fornecer aos educadores as ferramentas e os conhecimentos necessários para criar um ambiente de aprendizagem mais justo e enriquecedor (MOITA LOPES, 2015).

Em linha com as contribuições dos autores supracitados, a formação contínua é fundamental para garantir que os educadores possam efetivamente implementar práticas que promovam uma educação mais inclusiva e equitativa. Assim sendo, a prática de um currículo diversificado não apenas amplia o horizonte educacional dos alunos, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. Ao valorizar e integrar diferentes perspectivas culturais e sociais, a educação se torna um veículo para a promoção da equidade e da compreensão intercultural.

### **2.3 Por uma abordagem intercultural e multilíngue no ensino de Língua Inglesa**

A abordagem intercultural e multilíngue na educação oferece uma perspectiva enriquecedora e inclusiva, essencial para a formação de cidadãos globais em um mundo cada vez mais diversificado. Essa abordagem reconhece e valoriza a complexidade das identidades linguísticas e culturais dos estudantes, promovendo um ambiente educacional que respeita e celebra a diversidade. Conforme argumenta Canagarajah (2011), a integração de práticas interculturais e multilíngues no ensino não apenas enriquece a experiência de aprendizagem, mas também desafia as estruturas dominantes e promove um entendimento mais profundo das múltiplas identidades dos alunos. Essa abordagem permite que os estudantes vejam além das narrativas hegemônicas, favorecendo uma perspectiva que celebra a pluralidade cultural e linguística presente em contextos acadêmicos.

Ao adotar práticas pedagógicas que incluem uma variedade de idiomas e culturas, o ensino não só se torna mais representativo, mas também mais relevante para os alunos. Este modelo de ensino reconhece e valoriza as contribuições culturais e linguísticas diversas, ajudando a criar um ambiente de aprendizado onde cada aluno se sente visto e respeitado. Além disso, essa abordagem fomenta habilidades interculturais e multilíngues, preparando os alunos para interagir eficazmente em um mundo globalizado. Por conseguinte, a interculturalidade se refere ao processo de interação e diálogo entre diferentes culturas, com o objetivo de promover a compreensão mútua e o respeito.

Em um contexto educacional, isso significa que o currículo e as práticas pedagógicas devem incorporar e refletir a riqueza cultural dos alunos, ao mesmo tempo em que incentivam o intercâmbio cultural. Essa integração pode ser realizada por meio de atividades que promovam a troca de experiências e perspectivas, como projetos colaborativos, discussões sobre temas culturais e a exploração de diferentes tradições e práticas. Moita Lopes (2015) destaca a importância de um currículo que não apenas reconheça, mas também valorize as diversas culturas representadas na sala de aula, proporcionando um espaço para que os alunos

compartilhem suas próprias experiências e aprendam com os outros.

A abordagem multilíngue, por sua vez, valoriza e utiliza a diversidade linguística dos alunos como um ativo educacional. Em vez de ver o bilinguismo ou o multilinguismo como um obstáculo, essa abordagem considera essas competências linguísticas como uma vantagem que enriquece o processo de aprendizagem. Incentivar os alunos a usar suas línguas nativas e outras línguas que dominam não só fortalece suas habilidades linguísticas, mas também promove uma maior confiança e autoestima. Como Pennycook (2007) argumenta, a valorização das diferentes variedades de Inglês e outras línguas ajuda a construir uma compreensão mais rica e inclusiva das práticas linguísticas globais e locais.

Lander (2015) analisa como as práticas pedagógicas podem ser transformadas para incorporar uma visão crítica das estruturas de poder e conhecimento, promovendo uma educação que desafie a hegemonia cultural e valorize as vozes marginalizadas. O autor argumenta que para alcançar uma verdadeira mudança, é necessário que o currículo não apenas inclua, mas também reconfigure as narrativas dominantes para refletir uma pluralidade de perspectivas. Isso implica na revisão das práticas pedagógicas para garantir que as contribuições das culturas marginalizadas sejam reconhecidas e integradas de maneira significativa, não apenas como uma adição superficial, mas como um elemento central do processo de ensino e aprendizagem.

Ao implementar essas mudanças, a educação se torna um espaço mais democrático e inclusivo, onde os alunos podem desenvolver uma compreensão crítica das dinâmicas culturais e sociais que moldam suas realidades. Além disso, ao desafiar as estruturas de poder existentes, a educação promove um ambiente mais equitativo, onde as diversas vozes e experiências são não apenas ouvidas, mas também valorizadas. Isso não só enriquece o conhecimento acadêmico, mas também fortalece a capacidade dos alunos de se engajar de forma crítica e reflexiva com o mundo ao seu redor. Em última análise, a transformação das práticas pedagógicas, como proposta por Lander (2015), contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a diversidade é celebrada e as desigualdades são confrontadas.

Mignolo (2011) contribui com uma análise sobre como a epistemologia decolonial pode influenciar a educação ao questionar as narrativas dominantes e promover um entendimento mais plural e inclusivo. O autor evidencia que a epistemologia decolonial oferece uma abordagem crítica para desafiar os paradigmas de conhecimento estabelecidos que frequentemente favorecem perspectivas eurocêntricas e marginalizam saberes locais e indígenas. Ao integrar essa perspectiva na educação, os currículos podem ser reconfigurados para incluir uma gama mais ampla de epistemologias e práticas culturais, permitindo que os alunos sejam expostos a formas de conhecimento e experiências diversas. Esse enfoque não só

amplia a compreensão dos alunos sobre o mundo, mas também promove uma maior valorização das diferentes maneiras de saber e viver. A educação decolonial, segundo essa concepção requer a desconstrução das hierarquias de conhecimento que perpetuam a desigualdade e a exclusão, oferecendo espaço para uma pluralidade de vozes e perspectivas. Essa abordagem também incentiva a crítica das estruturas de poder que moldam a produção e disseminação do conhecimento, promovendo um ambiente educacional onde a diversidade é uma força, e não um obstáculo. Sendo assim, ao incorporar a epistemologia decolonial na educação, promovemos uma transformação que vai além da inclusão superficial de diferentes perspectivas, almejando uma revisão profunda das bases sobre as quais o conhecimento é construído e transmitido. Isso não só enriquece a experiência educacional, mas também prepara os alunos para serem cidadãos mais críticos e conscientes, capazes de interagir com um mundo multifacetado de maneira mais justa e equitativa. A influência de Mignolo (2011) destaca a importância de revisitar e reinventar as práticas educacionais para que elas reflitam verdadeiramente a complexidade e a diversidade do conhecimento humano.

Quijano (2000) enfatiza a necessidade de reconhecer a colonialidade do poder e do conhecimento na educação, o que implica um esforço consciente para descolonizar o currículo e as práticas pedagógicas. Em sala de aula, isso pode se traduzir na utilização de recursos e materiais em diferentes idiomas, permitindo que os alunos acessem conteúdos de forma mais ampla e inclusiva. Além disso, os professores podem empregar metodologias que reconheçam e valorizem as línguas dos alunos, como atividades de tradução, projetos bilíngues e discussões que envolvam múltiplas línguas.

A integração de práticas interculturais e multilíngues também se reflete na criação de um ambiente de aprendizagem que é sensível às diversas necessidades e experiências dos alunos. Isso pode envolver a adaptação dos métodos de ensino para acomodar diferentes estilos de aprendizagem e garantir que todos os alunos se sintam representados e incluídos. Por exemplo, ao explorar temas globais, os professores podem incluir perspectivas de diferentes regiões e culturas, permitindo que os alunos vejam como questões universais são abordadas de maneira diversa. A formação contínua dos educadores é fundamental para a implementação eficaz dessa abordagem. Os professores devem estar preparados para lidar com a complexidade da diversidade cultural e linguística, e para promover um ambiente de aprendizagem que seja ao mesmo tempo desafiador e acolhedor. A capacitação em interculturalidade e práticas multilíngues pode fornecer aos educadores as ferramentas necessárias para criar experiências educacionais que respeitem e valorizem as diferentes identidades dos alunos (WALSH, 2018).

Por fim, a abordagem intercultural e multilíngue não apenas enriquece a experiência educacional, mas também contribui para a formação de uma sociedade mais inclusiva e

globalmente consciente. Ao valorizar e integrar a diversidade cultural e linguística, a educação se torna um meio poderoso para promover a compreensão intercultural e o respeito mútuo, preparando os alunos para participar plenamente em um mundo cada vez mais interconectado.

### **3 REESCREVENDO METODOLOGIAS: EXPLORANDO A DECOLONIZAÇÃO EDUCACIONAL**

A metodologia empregada na pesquisa<sup>3</sup>, realizada em um único dia, envolveu quatro aulas de Inglês, cada uma com a duração de 50 minutos. Durante essas quatro aulas, o foco foi a análise e aplicação dos conceitos apresentados no artigo de Walsh (2018) sobre a decolonização da educação. Em cada aula, foram abordados diferentes aspectos da teoria decolonial, com o objetivo de explorar como estes conceitos podem ser integrados no ensino de Inglês.

A estrutura das aulas permitiu uma abordagem intensiva e concentrada, oferecendo aos alunos<sup>4</sup> a oportunidade de examinar criticamente os princípios da decolonização e suas implicações práticas no contexto educacional. Ao longo dos 200 minutos de instrução, os alunos foram guiados para entender como práticas mais inclusivas e reflexivas podem ser incorporadas no ensino de Inglês, promovendo uma compreensão mais profunda e crítica das metodologias educacionais propostas pelas autoras. Essa metodologia visou não apenas a transmissão teórica dos conceitos, mas também sua aplicação prática, permitindo que os alunos experimentassem e refletissem sobre como transformar suas práticas pedagógicas para atender a uma abordagem mais equitativa e consciente no ensino de línguas.

Na primeira aula, os alunos foram introduzidos ao conceito de decolonização da educação, conforme discutido por Walsh (2018). A aula começou com uma leitura guiada do artigo, destacando os principais argumentos sobre a crítica às estruturas de poder dominantes e a valorização dos saberes marginalizados. Após a leitura, os alunos participaram de uma discussão em grupo para explorar as implicações desses conceitos no contexto educacional. A atividade foi seguida por uma reflexão individual, onde os alunos escreveram sobre o impacto potencial da decolonização da educação no ensino de Inglês. Esta abordagem inicial preparou os alunos para uma análise mais profunda e crítica dos princípios discutidos.

A segunda aula focou na análise crítica de como os princípios de decolonização podem ser aplicados no ensino de Inglês. A atividade principal consistiu na análise de casos e exemplos

---

<sup>3</sup> Esta pesquisa foi cadastrada Plataforma Brasil, sob o nº. CAAE 67539323.0.0000.5083, e foi aprovada no CEP/UFG, conforme o Parecer nº. 6.299.306.

<sup>4</sup> Para preservar a identidade dos participantes, foram utilizados pseudônimos.

de práticas pedagógicas que refletem ou desafiam a hegemonia cultural, utilizando o artigo de Walsh (2018) como referência. Os alunos discutiram em classe como esses exemplos poderiam ser relacionados ao ensino de Inglês, e trabalharam em grupos para elaborar esboços de aulas que incorporassem elementos decoloniais. Esse planejamento foi guiado pela necessidade de incluir perspectivas culturais diversas e desafiar as normas dominantes, promovendo um ambiente de aprendizado mais inclusivo.

Na terceira aula, os alunos foram convidados a criar materiais didáticos e atividades que integrassem os princípios de decolonização discutidos nas aulas anteriores. Em grupos, eles desenvolveram atividades e recursos que refletissem a diversidade cultural e a crítica às estruturas de poder estabelecidas. Após a criação dos materiais, os grupos realizaram uma troca para fornecer *feedback* construtivo sobre o trabalho dos colegas. A aula incluiu uma simulação de aula, onde cada grupo apresentou suas atividades e recursos, aplicando os conceitos decoloniais no contexto real. Essa prática permitiu aos alunos testar suas ideias e receber *feedback* sobre a eficácia de suas abordagens pedagógicas.

A quarta e última aula foi dedicada à reflexão e avaliação das práticas pedagógicas desenvolvidas. A discussão final permitiu que os alunos refletissem sobre suas experiências com a aplicação dos conceitos de decolonização nas aulas simuladas e na criação de materiais. Foi realizada uma autoavaliação e avaliação dos colegas, com foco em como os princípios decoloniais foram incorporados e a eficácia das abordagens desenvolvidas. O *feedback* dos alunos sobre o processo de aprendizagem foi coletado, discutindo como a abordagem decolonial poderia influenciar suas futuras práticas pedagógicas. A aula foi encerrada com uma revisão das principais aprendizagens e considerações sobre a aplicação contínua dos conceitos decoloniais no ensino de Inglês. Essa sequência de aulas permitiu uma exploração aprofundada dos conceitos de decolonização da educação, promovendo uma compreensão crítica e prática dos alunos sobre como esses princípios podem ser aplicados para transformar o ensino de Inglês em um ambiente mais inclusivo e reflexivo.

### **3.1 Tentativas de análise e reinterpretação: explorando as práticas pedagógicas e a decolonização da educação através dos discursos acadêmicos**

A análise dos discursos produzidos durante uma aula em que foi trabalhado um artigo de Walsh (2018) sobre a decolonização da educação revela como os conceitos teóricos apresentados foram assimilados e aplicados pelos alunos no contexto educacional. O referido artigo que discute a crítica ao eurocentrismo e a importância de integrar saberes locais e indígenas no currículo, serve como um ponto de partida para uma reflexão profunda sobre as

práticas pedagógicas. Durante a aula, foram abordados temas como a transformação das metodologias de ensino e a valorização de perspectivas diversas, permitindo que os alunos explorassem e questionassem a hegemonia das práticas educacionais tradicionais. A análise do discurso proporciona uma visão detalhada sobre como esses conceitos foram interpretados, discutidos e integrados nas práticas pedagógicas dos alunos, oferecendo *insights* sobre o impacto da decolonização da educação na formação acadêmica e na construção de um ambiente educacional mais inclusivo e crítico.

[1] **Rhyane:** A decolonização da educação, para mim, significa repensar quem são os autores e figuras históricas que estamos estudando. Por que não aprendemos mais sobre líderes indígenas ou pensadores africanos?

A reflexão de Rhyane se alinha com a crítica de Mignolo (2011) onde à exclusão sistemática de líderes indígenas e pensadores africanos dos currículos escolares. Essa exclusão não é apenas uma omissão inocente, mas uma manifestação da colonialidade do saber, que mantém certas narrativas e figuras históricas no centro enquanto marginaliza outras. Para Mignolo (2011), a decolonização da educação envolve precisamente essa reconfiguração, onde os conhecimentos e contribuições de povos indígenas, africanos e outras culturas subalternas são reconhecidos e integrados de forma significativa nos programas educacionais. Por conseguinte, incorporar líderes indígenas e pensadores africanos no currículo não é apenas uma questão de justiça histórica, mas também uma maneira de enriquecer o aprendizado dos estudantes, oferecendo-lhes uma visão mais completa e diversificada do mundo.

Além disso, o autor chama a atenção para o fato da necessidade de repensar o currículo educacional para incluir uma diversidade maior de vozes e perspectivas, evidenciando que a colonialidade do saber perpetua a hegemonia do conhecimento ocidental, marginalizando saberes e epistemologias de outras culturas. Desse modo, alinhados a essa concepção a descolonialidade exige uma reorientação epistêmica que valorize e legitime os conhecimentos subalternos e locais. Para tanto, essa abordagem promove a justiça epistêmica, onde diferentes formas de conhecimento são valorizadas e respeitadas, contribuindo para a formação de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

[2] **Laila:** Entendo a decolonização como uma maneira de tornar a educação mais justa e representativa. Precisamos incluir as histórias e contribuições de povos que foram sistematicamente ignorados.

Laila afirma que a decolonização visa tornar a educação mais justa e representativa, enfatizando a inclusão das histórias e contribuições de povos que foram sistematicamente

ignorados. Isso reflete diretamente a crítica de Quijano (2000) à colonialidade do saber, que se refere à imposição de um sistema de conhecimento eurocêntrico que desvaloriza e marginaliza outras formas de conhecimento. O autor propõe que a descolonização deve desafiar e transformar essas estruturas, promovendo a inclusão de epistemologias subalternas e conhecimentos locais. Ele argumenta que para construir uma sociedade verdadeiramente equitativa, é necessário reconhecer e valorizar as diversas contribuições culturais e históricas que foram suprimidas pelo colonialismo.

Outrossim, Lailla ecoa essa perspectiva ao sugerir que a educação deve incluir as histórias e contribuições de povos marginalizados, o que implica uma reestruturação do currículo para refletir uma pluralidade de vozes e experiências. Assim, a descolonização da educação, conforme entendida por Lailla, está alinhada com a visão de que é necessário desafiar as narrativas hegemônicas e incorporar os conhecimentos e histórias dos povos subalternizados. Isso não apenas cria uma educação mais justa e representativa, mas também contribui para a desarticulação das estruturas de poder colonial, promovendo a justiça epistêmica e social. Por fim, Lailla vê a descolonização como um caminho para uma educação que reconheça e valorize a diversidade cultural e histórica, alinhando-se com a crítica de Quijano (2000) à colonialidade do saber e seu chamado para uma reorientação epistêmica que inclua as vozes e conhecimentos historicamente marginalizados.

**[3] Magnólia:** As narrativas eurocêntricas nos currículos dão a impressão de que a história e o conhecimento relevantes só vêm da Europa. Isso faz com que muitas culturas ricas em conhecimento sejam desvalorizadas.

Magnólia destaca a influência predominante das narrativas eurocêntricas, um fenômeno amplamente discutido por Canagarajah (2011). O autor explora como a globalização da educação e a circulação de conhecimento frequentemente reforçam as estruturas de poder existentes, levando à hegemonia cultural e à marginalização de perspectivas não ocidentais. No discurso de Magnólia, a crítica às narrativas eurocêntricas reflete essa dinâmica de poder, em que a história e o conhecimento das culturas não europeias são frequentemente desvalorizados ou invisibilizados. Além disso, a observação da discente sobre a desvalorização de culturas ricas em conhecimento ressoa com a análise do autor sobre como as práticas pedagógicas dominantes podem marginalizar saberes locais e não ocidentais.

Canagarajah (2011) argumenta que os currículos frequentemente privilegiam o conhecimento eurocêntrico, o que não apenas limita a diversidade do conteúdo educacional, mas também perpetua a desigualdade e a exclusão de outras formas de conhecimento.

Magnólia está, portanto, chamando a atenção para a necessidade de uma maior

valorização e inclusão de saberes diversos nos currículos. O discurso de Magnólia sugere uma revisão crítica dos currículos para combater a visão eurocêntrica predominante. Ademais, essa perspectiva considera a necessidade de pedagogias alternativas que desafiem a hegemonia cultural e promovam uma maior inclusão e equidade no ensino. A crítica de Magnólia pode ser vista como um apelo para a reestruturação dos currículos de forma que reflitam uma gama mais ampla de perspectivas culturais e históricas, alinhando-se com essa proposta que objetiva o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais inclusivas e críticas.

Por conseguinte, a análise do discurso de Magnólia através da lente da teoria de Canagarajah enfatiza a importância de questionar e reformular as práticas pedagógicas dominantes. Isso implica em adotar metodologias que integrem e valorizem a diversidade cultural e histórica, promovendo um ambiente educacional mais justo e representativo, sugerindo que a educação precisa transcender as limitações impostas pelas narrativas dominantes e buscar uma abordagem mais inclusiva e equitativa.

[4] **Betina:** Eu me sinto desconectada do conteúdo que estudamos às vezes porque não vejo minha cultura ou história refletida nos materiais didáticos. Isso realmente impacta meu interesse e engajamento nas aulas.

O discurso de Betina evidencia um caso de hegemonia cultural, um conceito central na teoria de Pennycook (2007). O autor chama a atenção para o fato de que os currículos educacionais muitas vezes são moldados por normas e valores dominantes que não refletem a diversidade cultural dos alunos. A ausência de representações culturais e históricas diversas nos materiais didáticos pode reforçar a hegemonia cultural, tornando o ensino menos relevante e engajador para alunos cujas culturas não são representadas. A desconexão sentida por Betina é um reflexo direto da forma como a hegemonia cultural afeta o interesse e o engajamento dos alunos. Consoante com essa concepção a relevância do conteúdo educacional para os/as discentes é crucial para o sucesso do aprendizado. Quando os materiais didáticos não refletem as experiências e identidades culturais dos alunos, isso pode levar a um sentimento de alienação e desmotivação, como indicado por Betina.

Pennycook (2007) sugere que uma abordagem mais inclusiva e representativa nos materiais didáticos pode ajudar a mitigar esses sentimentos de desconexão. Incorporar uma diversidade de perspectivas culturais e históricas nos currículos pode promover um ambiente educacional mais inclusivo e significativo, aumentando o engajamento dos alunos e a relevância do conteúdo. Desse modo, a experiência destaca a importância de revisar e adaptar os currículos para que sejam mais representativos das diversas culturas dos/as alunos/as. Além disso, o autor defende a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade

cultural, em vez de manter uma abordagem homogênea que exclui as identidades e experiências dos alunos. A integração de perspectivas culturais variadas nos materiais didáticos pode aumentar a relevância do conteúdo e promover uma maior conexão com o aprendizado.

**[5] Emma:** Os professores poderiam promover mais discussões sobre como a história é contada e quem a conta. Por exemplo, em vez de apenas estudar a colonização do ponto de vista dos colonizadores, poderíamos aprender sobre a resistência indígena e os impactos nas culturas locais.

A sugestão de Emma para explorar a história a partir de múltiplas perspectivas reflete a crítica de Cadilhe (2020) às narrativas históricas dominantes. O autor argumenta que os currículos históricos frequentemente privilegiam as perspectivas dos grupos dominantes, como os colonizadores, enquanto marginalizam ou ignoram as experiências e perspectivas dos grupos subalternos. Emma está propondo uma mudança nesse padrão, buscando incluir a resistência indígena e os impactos culturais locais como forma de oferecer uma visão mais equilibrada e abrangente da história.

Paralelo a essa concepção o discurso de Emma se alinha com a visão do autor sobre a importância de incluir diversas perspectivas no ensino da história, evidenciando que a educação deve integrar as experiências e pontos de vista de todos os grupos envolvidos em eventos históricos, especialmente aqueles que foram historicamente marginalizados. Ao sugerir que se estude a resistência indígena, Emma está promovendo a inclusão de vozes que são frequentemente silenciadas nas narrativas históricas tradicionais.

A proposta de Emma de discutir não apenas a visão dos colonizadores, mas também a resistência indígena e os impactos nas culturas locais, é uma aplicação prática da teoria de Cadilhe, que enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica sobre como a história é ensinada. Essa abordagem objetiva que critica as práticas educacionais devem desafiar as narrativas hegemônicas e promover uma análise mais profunda das implicações e consequências dos eventos históricos. Emma está sugerindo uma metodologia que busca engajar os alunos em uma análise mais crítica e reflexiva da história. Ainda nesse viés a discente sugere uma transformação na forma como a história é abordada nas aulas, alinhando-se com a perspectiva supracitada, sobre a necessidade de reformular as práticas pedagógicas para incluir uma gama mais ampla de perspectivas, uma vez que o ensino da história deve ir além das narrativas tradicionais e incorporar uma abordagem que reconheça e valorize a diversidade de experiências históricas. A proposta de Emma visa criar um ambiente educacional mais inclusivo e crítico, promovendo uma compreensão mais rica e complexa da história.

**[6] John:** A formação continuada dos professores deve incluir treinamento sobre

como incorporar essas diversas perspectivas nas suas aulas. Isso ajudaria a mudar a maneira como os currículos são ensinados.

O discurso de John pode ser analisado à luz da teoria de Moita Lopes (2015), que destaca a formação continuada dos professores como essencial para a atualização e aprimoramento das práticas pedagógicas. Nesse contexto, a sugestão de John para incluir treinamento sobre a incorporação de diversas perspectivas nos currículos está em consonância com essa visão. A formação dos professores deve ir além dos métodos tradicionais e incluir capacitação para lidar com a diversidade cultural e social presente nas salas de aula. O treinamento proposto é um passo importante para capacitar os professores a integrar essas perspectivas diversas em suas práticas pedagógicas, promovendo uma formação docente mais abrangente e crítica.

É necessário reconhecer e incorporar diferentes perspectivas culturais e sociais no ensino. A formação continuada deve preparar os professores para integrar essas diversas perspectivas nas suas aulas, alinhando-se com a ideia de que o currículo deve refletir a diversidade cultural dos alunos. A inclusão de perspectivas variadas nos materiais didáticos e nas práticas de ensino ajuda a promover um ambiente educacional mais inclusivo e representativo.

A proposta de que a formação continuada dos professores possa alterar a maneira como os currículos são ensinados reforça a ideia de que a capacitação dos educadores pode resultar em mudanças práticas nos currículos, tornando-os mais alinhados com a diversidade e as necessidades dos alunos. Além disso, a proposta de incluir treinamento sobre a incorporação de diversas perspectivas reflete a importância de uma abordagem crítica e reflexiva no ensino. A capacitação dos professores para questionar e adaptar as práticas pedagógicas tradicionais é fundamental para atender melhor a uma população estudantil diversificada.

[7] **Belly:** Poderíamos também ter projetos escolares que envolvam a comunidade local, como convidar líderes indígenas para falar ou visitar locais históricos importantes para outras culturas.

Mignolo (2011) argumenta que a modernidade está profundamente entrelaçada com a colonialidade, que inclui a dominação cultural e epistemológica ocidental. O discurso de Belly propõe uma mudança importante ao sugerir a inclusão de líderes indígenas e locais históricos diversos no currículo escolar. Esta abordagem busca descentralizar o conhecimento eurocêntrico, oferecendo aos alunos uma visão mais abrangente e diversificada das realidades culturais e históricas. A proposta é uma tentativa de desafiar o paradigma dominante que frequentemente marginaliza e desconsidera as perspectivas de culturas não ocidentais.

Nessa concepção, a teoria decolonial valoriza a inclusão e a legitimação dos saberes

subalternos, que são muitas vezes excluídos ou minimizados nos sistemas educacionais tradicionais. Ao sugerir que líderes indígenas participem de projetos escolares, o discurso de Belly propõe a valorização dessas epistemologias, permitindo que os alunos se conectem com formas de conhecimento que normalmente são ignoradas. Esse reconhecimento é crucial para construir um currículo mais inclusivo e representativo, que respeite e legitime as contribuições culturais das comunidades marginalizadas.

Ainda nessa concepção, Quijano (2000) destaca a importância de reconhecer a diversidade cultural e a complexidade das identidades dentro de um sistema educacional. O discurso de Belly promove a inclusão de diferentes perspectivas culturais através da participação de líderes indígenas e da visita a locais históricos diversos. Isso não apenas enriquece o currículo escolar, mas também ajuda a criar um ambiente educacional que reflete a complexidade e a riqueza das experiências culturais dos alunos. Essa abordagem é fundamental para combater a homogeneização cultural e para promover uma educação que valorize a diversidade.

Outrossim, a crítica à colonialidade do saber envolve questionar como o conhecimento tem sido moldado por e para interesses coloniais e eurocêntricos. Ainda nessa concepção, o discurso de Belly, ao propor a inclusão de vozes e histórias não hegemônicas, é um passo em direção à crítica dessa colonialidade. Ele sugere uma reestruturação do currículo escolar para que este reflita não apenas as perspectivas dominantes, mas também as histórias e conhecimentos das comunidades locais e culturas diversas. Isso pode ser visto como uma tentativa de descolonizar o conhecimento e promover uma abordagem educacional mais equitativa.

Em suma, para que a proposta de Belly seja realmente eficaz, deve ser implementada de maneira autêntica e respeitosa. A teoria decolonial não apenas defende a inclusão de saberes diversos, mas também critica as abordagens que utilizam essas práticas de forma superficial ou meramente simbólica. A inclusão de líderes indígenas e locais históricos deve ser feita com um compromisso genuíno e uma abordagem crítica que evite a apropriação cultural ou o exotismo. É importante garantir que essas iniciativas promovam um diálogo verdadeiro e respeitoso com as comunidades envolvidas.

#### **4. RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo aborda a integração de conceitos de decolonização no ensino de línguas no contexto universitário abordou como a implementação e análise de práticas pedagógicas baseadas na decolonização da educação em um curso de Letras de uma universidade pública no

estado de Goiás. O principal objetivo foi investigar como os conceitos de decolonialidade podem ser aplicados ao ensino da Língua Inglesa, promovendo uma abordagem mais inclusiva e crítica.

Os resultados revelaram que a aplicação dos conceitos de decolonização da educação nas aulas de Inglês resultou em reflexões significativas do que pode ser mudado nas práticas pedagógicas. A análise das aulas mostrou que a inclusão de perspectivas decoloniais ajudou a diversificar o currículo e a promover uma visão mais crítica e reflexiva sobre a língua e a cultura inglesa. Os alunos demonstraram um maior engajamento e uma compreensão mais profunda do impacto das narrativas eurocêntricas no ensino da Língua Inglesa, refletindo uma maior consciência sobre a diversidade cultural e histórica.

Além disso, a integração de uma abordagem decolonial no ensino de Inglês permitiu que os alunos se conectassem de forma mais significativa com suas próprias identidades culturais e linguísticas. Ao descentrar a narrativa eurocêntrica e incluir perspectivas e vozes de outras culturas e regiões, os estudantes foram incentivados a explorar e valorizar suas próprias experiências e conhecimentos, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo e equitativo. Esse processo não apenas enriqueceu o aprendizado da Língua Inglesa, mas também ajudou a construir uma atitude mais crítica em relação às estruturas de poder e hegemonia presentes na sociedade global. A abordagem decolonial tornou-se um meio eficaz para questionar e reconfigurar as relações culturais e sociais, promovendo uma educação mais justa e reflexiva. Os resultados também indicaram que a integração de perspectivas decoloniais nos currículos de Inglês contribuiu para um ambiente educacional mais inclusivo e equitativo.

Destacamos a relevância de adotar abordagens decoloniais no ensino de línguas estrangeiras, particularmente no contexto universitário. A experiência adquirida durante o 6º período do curso de Letras demonstra que a decolonização da educação pode efetivamente transformar as práticas pedagógicas e enriquecer a experiência de aprendizagem dos alunos. A inclusão de perspectivas não ocidentais e a crítica às narrativas eurocêntricas são essenciais para uma educação mais justa e representativa. O estudo confirma que a formação continuada dos professores é crucial para implementar essas mudanças. Os treinamentos que abordam a decolonização e a diversidade cultural permitem que os educadores repensem e adaptem suas práticas, contribuindo para um currículo mais inclusivo. Além disso, a aplicação dos conceitos de decolonialidade mostrou-se eficaz em aumentar o engajamento dos alunos e a sua compreensão crítica do conteúdo.

Portanto, para avançar em direção a uma educação em Língua Inglesa que seja verdadeiramente inclusiva e reflexiva, é necessário que as instituições educacionais adotem práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade cultural e histórica. A

decolonização do ensino de línguas pode promover um aprendizado mais significativo e preparar melhor os alunos para um mundo globalizado e multicultural. A continuidade dos esforços para integrar essas práticas no currículo e na formação de professores é fundamental para alcançar uma educação mais equitativa e representativa.

## REFERÊNCIAS

CADILHE, Alexandre. Fabricando paraquedas coloridos: linguística aplicada, decolonialidade e formação de professores. *Raído*, v. 14, n. 36, p. 56-79, 2020.

CANAGARAJAH, Suresh. *Translingual practice: global Englishes and cosmopolitan relations*. New York: Routledge, 2011.

LANDER, Enrique. *Educação e descolonização: uma perspectiva crítica*. São Paulo: Cortez, 2015.

MIGNOLO, Walter. *The darker side of western modernity: global futures, decolonial options*. Durham: Duke University Press, 2011.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. *O que é Linguística Aplicada*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2015.

PENNYCOOK, Alastair. *Global Englishes and Transcultural Flows*. Routledge, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *Revista Cultura e Política*, São Paulo, n. 2, p. 19-36, 2000.

SUSSEKIND, Maria Luiza. As (im) possibilidades de uma base comum nacional. *Revista e-Curriculum*, v. 12, n. 03, p. 1512-1529, 2014.

TAGATA, William Mineo. Letramento crítico, ética e ensino de língua inglesa no século XXI: por um diálogo entre culturas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 17, n. 3, p. 379-403, 2017.

WALSH, Catherine. *Decolonising the curriculum*. London: Routledge, 2018.